



A Magia ao seu Dispor - Usos e Gratificações na Série Harry Potter¹

Rafael FREITAS²

Ana Carolina TEMER³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este trabalho desenvolve um estudo de recepção cinematográfica, tendo como fundamentação a hipótese dos usos e gratificações. Investiga-se a relação entre o espectador e o Cinema através do consumo de filmes e problematizam-se as satisfações propostas pelos filmes clássicos, elegendo como exemplo e objeto de estudo a série Harry Potter. As entrevistas realizadas com o público da franquia têm o objetivo de averiguar as satisfações obtidas e as expectativas dos espectadores no que diz respeito à saga. Assim, testa-se a aplicabilidade do modelo de usos e gratificações com relação ao Cinema e à série através de um estudo teoricamente aberto e da concepção de Cinema enquanto entretenimento e narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; recepção; usos e gratificações; Harry Potter.

O estudo de recepção se configurou ao longo da reflexão sobre a melhor forma de investigar a relação entre Cinema e espectador, cuja motivação era avaliar os modos como as pessoas se utilizam dos filmes para o preenchimento de carências e vazios emocionais. A noção de usos e gratificações veio de encontro a essas indagações propondo ainda um desafio: a elaboração de uma metodologia que abrangesse o meio, as mensagens e o espectador, com fim a conhecer as trocas e a dinâmica da relação entre o homem e a mídia, pelo que se utilizou a metodologia da entrevista qualitativa. Para se mostrar viável a um estudo de recepção foi preciso a adoção de um conceito de Cinema enquanto indústria, entretenimento e narrativa.

Os Usos e Gratificações

A hipótese dos usos e gratificações surgiu no contexto norte-americano das pesquisas administrativas da Comunicação, de elaboração funcionalista. No entanto,

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

² Graduado no Curso de Jornalismo da Facomb-UFG, email: rafaelfsc@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professora da Facomb-UFG, email: anacarolina.temer@gmail.com.



a hipótese se distancia das demais formulações desse paradigma por focar-se no receptor, e não mais nos meios ou nas mensagens. A preocupação com a verificação e análise das funções sociais dos meios de comunicação deixa de ser o cerne da questão, dando espaço a uma maior concentração nas características da audiência. Há ainda outra mudança de perspectiva: o receptor é tido como um agente ativo, no qual influem, quando da sua relação com os meios, a sua carga psicológica e seu contexto social, com os quais se não interagisse, a mensagem midiática seria nula (WOLF, 2008, p.60).

O modelo de usos e gratificações prevê que o espectador busca, através da exposição aos meios, a satisfação de desejos e necessidades que orientam suas escolhas e estabelecem padrões de consumo de comunicação de massa. Assim, incide sobre ele grande parte da responsabilidade pelo sucesso comercial do produto midiático. A partir da noção funcionalista de que os meios serviam a funções sociais, como coesão, continuidade cultural, controle social e distribuição de informações, também se julgava que os indivíduos se utilizavam dos meios de comunicação para a satisfação de necessidades relacionadas: “orientação pessoal, lazer, adaptação, informação e formação da identidade” (MCQUAIL, 2003, p. 393). Com isso, passa-se a questionar, não mais o que os meios fazem às pessoas, mas o que as pessoas fazem com os meios.

Para McQuail (2003), a ideia de audiência como conjunto de gratificações é significativa no discurso sobre audiências e útil na sua descrição, o que é importante para a discussão desse trabalho sobre a relação entre o Cinema e seu público. Por fim, as categorias de usos e gratificações ficam assim delimitadas: o uso se traduz na escolha e na busca consciente do espectador por um filme, orientada e carregada de expectativas, e gratificação é o prazer, a emoção ou a identificação experimentada pelo espectador através de um filme.

A investigação na tradição dos ‘usos e gratificações dos media’ produziu entendimentos sobre a natureza das procuras subjacentes das audiências e da forma como estão estruturadas. As motivações, expressas pela escolha dos media e a forma em que este é interpretado e avaliado pela audiência, apontam para a existência de uma estrutura de procuras muito estável e consistente (MCQUAIL, 2003, p.377).

O Cinema

A instituição e o apogeu do cinema narrativo clássico norte-americano no início do século XX transformaram-no num veículo de significado mundial. Este trabalho se atém a este modelo de Cinema e a uma abordagem que o estuda enquanto meio massivo, entretenimento e narrativa, uma vez que os usos e as necessidades da



audiência são estabelecidas individual, psicológica e socialmente. Essa abordagem está em conformidade com a escolha do objeto da pesquisa, um exemplar produto da cultura de massa: a série Harry Potter, fenômeno multimídia, criador de ícones *pop* e gerador de consumo de bens simbólicos.

Ao longo dos anos, com a enorme redução no número de espectadores, principalmente pelo crescimento dos veículos eletrônicos, o setor de filmes se diversificou; adotou-se a política do campeão de bilheteria e o mercado cinematográfico aderiu à publicidade. “Um filme tem de atrair seu próprio público se quiser ser um sucesso” (TURNER, 1997, p.18). O evento não era mais ir ao cinema, mas ir assistir àquele filme.

O público, antes quase indiferenciado, se torna mais jovem e diversificado. Os filmes chegam às telas e às prateleiras em forma de produtos relacionados; surgem as séries de filmes, reciclando personagens e enredos; os filmes passam a ter fãs. O Cinema e a cultura de massa se unem na busca por satisfazer o público em seus anseios de pertencimento e consumo. Nessa discussão, é importante avaliar as características específicas do Cinema que propiciam, anteriormente a determinado filme, as gratificações e o envolvimento do público, a saber, seu caráter narrativo e sua impressão de realidade.

Para Aumont (2005), a narrativa é inerente à imagem filmada e mesmo que um cinema não narrativo fosse possível, “habitado à presença da ficção o espectador ainda tenderia a reinjetá-la onde ela não está” (AUMONT, 2005, p. 93). Isso porque a narrativa é universal, todas as sociedades contam histórias, concebemos o mundo através delas. O estudo das narrativas demonstrou ainda que elas não apenas são comuns a todas as culturas como também apresentam semelhanças estruturais independentemente de suas origens, o que alerta para a possibilidade de que ela seja uma propriedade da mente humana, como a linguagem (TURNER, 1997).

No cinema narrativo clássico, determinado pelo imperativo do verossímil, a ficção se organiza de forma quase orgânica e obrigatória com relação a uma suposta realidade. O universo fílmico adquire a consistência de um mundo possível, cuja construção elimina o artifício e o arbitrário a fim de uma naturalidade aparente. Essa “impressão de vida e de realidade própria da imagem cinematográfica é inseparável de um primeiro impulso de participação” (MORIN, 1958, p. 151).

A condição psíquica do espectador no momento da projeção, que se encontra relaxado à espera de um espetáculo, sem atenção a provas de realidade reforça



tais efeitos. Na “situação cinema”, como concebe Hugo Mauerhofer, a sala escura altera a percepção humana de tempo e espaço: o tempo parece passar mais devagar, o que leva à sensação de tédio; enquanto o espaço visível, pouco nítido, aumenta a atividade da imaginação. Além disso, o espectador é passivo e anônimo, busca por si mesmo a experiência cinematográfica e está isolado do restante do público pela escuridão (MAUERHOFER, 1949).

A cada dia, ele torna suportável a vida de milhões de pessoas. Elas catam as migalhas dos filmes assistidos e as levam consigo para a cama. O cinema provoca respostas que substituem aspirações e fantasias sempre proteladas; oferece compensação para vidas que perderam grande parte de sua substância. Trata-se de uma necessidade moderna, ainda não cantada em versos. (MAUERHOFER, 1949 In XAVIER, 203, p. 380).

Frise-se que a satisfação oferecida pelo Cinema é vicária; escapista; codificada socialmente e culturalmente legítima. “A ilusão será tanto mais eficaz quanto mais for buscada nas formas de imagens socialmente admitidas e até desejáveis” (AUMONT, 2002, p. 98). Essa instância sociocultural da experiência do Cinema é que o define como um meio de massa, atrelado à lógica da Indústria Cultural, produtor de bens simbólicos com caráter recompensador da realidade cotidiana. No entanto, essa satisfação é efêmera, e sua busca renovada, estabelecendo um ciclo que se aproxima muito da ideia de usos e gratificações.

[...] para explicar a atração do público por um texto ou meio, deve-se atentar não apenas ao “efeito ideológico” que manipula as pessoas no sentido de torná-las cúmplices das relações sociais existentes, mas também ao substrato da fantasia utópica que está além dessas relações, por intermédio do qual o meio se configura como uma satisfação projetada daquilo que é desejado e que se encontra ausente no *status quo* (STAM, 2010, p. 339).

A Varinha

A série de filmes Harry Potter foi baseada na série literária homônima da escritora britânica J. K. Rowling, cujos sete livros deram origem a oito filmes. Os livros foram lançados entre 1997 e 2007 e venderam 400 milhões de exemplares no mundo. Os filmes estrearam entre 2001 e 2011 e fizeram uma bilheteria total de 7,7 bilhões de dólares, a mais rentável na história do Cinema.

A saga pertence aos gêneros aventura e fantasia e conta a história de um bruxo que teve os pais assassinados por um mago das trevas e por isso foi morar com os



tios até poder frequentar a escola de magia. Somente aos onze anos, no entanto, Harry conhece sua verdadeira história e descobre todo o mundo mágico que ignorava, assim como todo o restante do mundo não bruxo também não sabe de sua existência. Ao longo da série, que acompanha a personagem ano a ano, são desenvolvidos conflitos humanos e a busca de identidade e autoconhecimento, por parte de Harry, através de descobertas tanto sobre seu passado como sobre as consequências deste no seu futuro, de onde se extraem temas como amizade, confiança, amor, honra e destino. O conflito central entre as forças das trevas ressurgentes e os bruxos do bem propõe temas como a tolerância, o preconceito, a fé, o poder e a morte.

O Feitiço

Foi em busca de maior solidez de investigação e consequente necessidade de afinamento da audiência a ser pesquisada que se elegeu a série Harry Potter e seu público como objeto do estudo. Para a apreensão tanto dos usos como das gratificações, buscou-se levantar os conteúdos específicos do Cinema e da série, assim como as percepções e utilizações desses conteúdos pelo público.

No modelo de usos e gratificações, até para fins metodológicos, a audiência é considerada consciente de suas necessidades, que se traduzem em escolhas motivadas e orientadas à satisfação por determinados meios e mensagens. Isso conduz a investigações de ordem psicológica e social, tornando imperativo valorizar o local da recepção. É preciso verificar os fatores e as tramas que estabelecem o comportamento da audiência. A recepção é indissociável desse local e para entendê-la em seu contexto são necessárias explorações em campo, às vezes até etnográficas (PORTO, 2003).

Assim, adotou-se o método de pesquisa qualitativo devido ao seu caráter descritivo e possibilidade de aprofundamento da análise. Optou-se pela técnica de entrevista, pois “é do envolvimento livre e não diretivo do pesquisador com o entrevistado no sentido de conhecer as raízes e significados de suas opiniões, crenças e comportamentos que surgem as informações” (RUÓTOLO, 1996, p. 04). Elaborou-se, então, um roteiro de perguntas em acordo com os objetivos da investigação.

Segundo Coelho (1997, p. 32), na identificação de um público exige-se que se fale, no mínimo, de um conjunto relativamente homogêneo de pessoas que consomem um mesmo conteúdo artístico ou midiático. Para o autor, ao se falar de um público propriamente dito, “essa homogeneidade deveria ser exigida também da classe



social a que pertencem essas pessoas, do espaço em que se distribuem e, com maior razão, do tempo em que vivem”. Portanto, determinei que a amostra fosse composta de jovens de 17 a 25 anos de idade, faixa etária que pôde acompanhar a série nos cinemas desde a estreia do primeiro filme em 2001.

Selecionaram-se entrevistados que houvessem assistido à maioria dos filmes da série Harry Potter, com desconto para um filme e que não haviam lido os livros respectivos. Essa restrição foi feita para que se pudesse avaliar a relação dos espectadores com os filmes, no contexto de um fenômeno que, na experiência deles, era apenas cinematográfico. Foram realizadas vinte entrevistas. Procedeu-se ainda a uma breve caracterização e análise das personagens e da história dos filmes para a compreensão de alguns aspectos levantados pela fala da amostra.

A Magia

Nas entrevistas, observou-se que o espectador identifica a série Harry Potter como uma história fantástica, num universo diferente, distante da realidade. Ainda que, visualmente, isso seja reforçado, esse mundo nos é mais familiar do que parece. Enquanto em outras histórias a magia é um recurso, uma descoberta, em Harry Potter ela é a própria instituição do universo narrativo. Entretanto, o mundo real ainda é referência, brinca-se até em tornar a nossa realidade estranha ao mundo bruxo. Esse universo se torna atraente ao ser retratado em coexistência com o nosso mundo, em que o público vive e no qual o próprio Harry vivia até há pouco. Para que haja o encanto, porém, tudo deve parecer surpreendentemente novo.

[...] temos de admitir que, para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com os nossos conhecimentos do mundo real. Em outras palavras, precisamos adotar o mundo real como pano de fundo (ECO, 1994, p. 89).

Foi interessante, porque te apresenta um mundo completamente novo. Uma criação totalmente fora da realidade, o que você tem de real mesmo são só os atores. Foi bem interessante, principalmente na idade que eu tinha na época. Achei bem mágico (Jair, 22 anos).

A maioria da amostra teve seu primeiro contato com Harry Potter no cinema, com o primeiro filme da série, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2001). Quando da sua estreia, os livros ainda eram muito recentes no Brasil. No entanto, a capacidade de atrair espectadores e formar seu público foi enorme, o filme fez o maior



público de Cinema no país em 2001, cerca de quatro milhões de espectadores. O fenômeno da cultura de massa se evidencia no fato de que mesmo não conhecendo a história, as pessoas foram levadas ao cinema pela situação, o filme pautava as conversas e os meios de comunicação. “Assisti sozinha, fui eu que loquei porque tava tendo uma repercussão muito grande em relação ao assunto, ao filme” (Felícia, 20 anos).

Eu assisti depois que saí do Cinema. Aí tava naquela agonia, todo mundo falando e tal, querendo locar o filme. Aí meu tio alugou e a gente assistiu na casa dele. Foi locado, porque lá não tinha Cinema né, morava no interior (Laura, 20 anos).

O fenômeno se mostra com um efeito bola de neve. Após conquistar o público, ganha espaço e repercussão na mídia, passando a gerar mais público pela fama em si. Isso nos permite apontar uma utilização dos produtos culturais pelos consumidores. Os espectadores foram ao cinema para satisfazer a necessidade de atualização, de estar a par do assunto do momento, de conhecer, de também participar do grande fenômeno.

Eu era muito pequeno, não tinha lido ainda os livros. Aí eu fui crescendo junto com Harry Potter mesmo, com o filme, com todos os filmes e daí foi que eu comecei a ter mais contato (Jonathas, 17 anos).

Esta fala traz outra questão que parece fundamental para o sucesso de Harry Potter e a manutenção do seu público. A história da personagem se inicia no seu aniversário de onze anos, que pode ser considerada a idade média dos leitores da série à época da febre inicial que se iniciou entre o público infantil. A identificação com a idade das personagens é fonte de emoção para o espectador que se imagina vivenciando as aventuras que vê escritas ou representadas na tela. Livros e filmes levaram dez anos para chegar ao seu ponto final, que, na história, ocorre em sete anos, Diferentemente do que se vê em outras séries de cinema, as personagens de Harry Potter cresceram, amadureceram a cada filme, e o público fez o mesmo.

Eu tinha uns dez, doze anos. Acho que se eu tivesse pegado o primeiro filme e assistido mais velho eu não teria assistido. Mas é porque depois que eu assisti, depois do terceiro filme deu uma amadurecida, ficou bem melhor. Aí eu já tava acompanhando e a história ficou legal, eu continuei assistindo. Mas os dois primeiros eu não teria aguentado, se fosse hoje em dia (Matheus, 18 anos).

Mais densos se tornavam os conflitos humanos e o enredo das histórias, mais a série renovava sua identificação com o espectador. Para Murray Smith (2005), a



ficção tem o poder de propiciar “quase experiências” através de situações imaginárias e das respostas que damos a personagens ficcionais. Isso nos permite avaliar nossas possíveis respostas emocionais a situações hipotéticas e apreciar as emoções das personagens em situações que ainda não tivemos a oportunidade de vivenciar, fazendo, assim, uso da ficção para aumentar nosso “repertório experimental”. “Meu preferido foi *A Ordem da Fênix*, porque eu acho que foi o período em que o Harry Potter deixou de ser menino” (Matheus L., 17 anos). Neste filme, Harry Potter dá seu primeiro beijo.

Eu não acho que ele seja uma temática completamente infantil não, principalmente do meio pro final, ficou uma coisa mais adulta mesmo, até pelo crescimento do filme, da idade deles, da história. Um filme pra adulto mesmo que gosta desse tipo, desse estilo de filme (Jair, 22 anos).

Nas entrevistas, notou-se maior preferência pelos últimos filmes da série, em que as personagens se veem envolvidas em aventuras mais perigosas e sob maiores ameaças de confronto com seus opositores. No quinto filme, o vilão Voldemort ressurgiu do seu anterior estado de fraqueza e o conflito entre as forças do bem e do mal se torna mais evidente, dando aos filmes um tom mais sombrio, com mais suspense, drama, mistérios e também ação. O público, hoje mais velho, prefere os filmes mais maduros da série. A partir do quinto episódio, a série fica sob a direção de David Yates, que, em entrevista à agência Reuters, comentou a maturidade que buscou dar aos últimos filmes:

Uma maneira de fazer com que a série toda permaneça relevante é fazer com que ela amadureça juntamente com o público, e isso foi a coisa mais importante para mim. O público pode ter tido 6, 7 ou 8 anos quando começou; agora são pessoas de 16, 17 ou 19 anos. Elas não querem mais ser tratadas como crianças e assistir a coisas bonitinhas. (YATES, 2011).

[...] o Voldemort volta e o Ministério da Magia ainda tem uma certa dificuldade pra aceitar a volta [...] Esse filme é o mais dramático. O último ele não foi assim, ele tem uma carga emocional forte e tal, mas não foi o melhor pra mim, esse foi o melhor. Acho que pela questão do confronto, nele tá mais evidente (Ewerton, 23 anos).

Vários entrevistados demonstraram preferência pelos capítulos finais por haver neles tanto mais mistérios e segredos quanto por finalmente começarem a ser esclarecidos alguns pontos da narrativa, o que demonstra que os filmes geravam expectativas no espectador. “Eu prefiro o penúltimo filme. Achei que deixou muito suspense, aí dá mais vontade de assistir os outros. E eu achei esse mais emocionante, bem mais” (Laura, 20 anos). Houve, porém, em casos fora do padrão, quem preferisse



episódios cuja narrativa fosse mais isolada do restante da história, o que denota um menor envolvimento com a trama dominante da série. Nas falas a seguir, a primeira foge ao padrão, enquanto as seguintes reforçam a preferência pela evolução e solução da narrativa:

A Câmara Secreta, esse eu gostei bastante. Achei que não ficou se atendo tanto a dar continuidade a alguma coisa. Os últimos filmes da série, pelo que eu vi, tinha filme que, na verdade, procurava emendar com o outro. Não tinha um enredo, era só pra chegar num outro ponto. Agora a Câmara Secreta eu achei interessante, pelo enredo que teve (Jair, 22 anos).

Eu entendia aquela história ali, mas não entendia o contexto. No fim é que entende o porquê da ligação dele com o Voldemort, sabe? Aí que eu entendi tudo. Mas o que eu achei mais ruim foi o dois, A Câmara Secreta. Eu achei sem graça a história e não esclareceu nada também (Laura, 20 anos).

Eu gostei da primeira parte, apesar de não ter visto a segunda parte, de as Relíquias da Morte. Porque começa a desvendar vários mistérios e acaba chegando a uma conclusão logo do enredo (Felícia, 20 anos).

Depreende-se assim que a série Harry Potter conseguiu manter seu público através da atualização de seus temas e tramas, que passaram gradualmente a aprofundar as relações e personalidade das personagens e as situações de conflito. Enquanto nos primeiros filmes há grande enfoque no ambiente, na apresentação daquele universo, com diversos personagens fazendo o papel de guias do mundo bruxo, a partir do quinto filme a narrativa se concentra mais em Harry Potter, em seus conflitos internos e nas suas relações com Voldemort e outras personagens. Dessa forma, os filmes conseguem aprofundar-se e satisfazer o gosto, certamente mais denso, de um público mais maduro.

Eu gosto mais do sexto, acho que por causa da história. Eu acho que ele tem um final diferente dos outros, ele discute mais a personalidade do Snape, ele é mais subjetivo. Tem um "q" de mistério que me apetece (Guilherme, 20 anos).

Assim, eu não sou tão romântica em relação aos filmes, então, a morte do diretor da escola... Essas coisas que muita gente não gosta eu acabo achando interessante pro filme, não fica tão bonitinho o filme (Felícia, 20 anos).

A manutenção do elenco também foi importante para a identificação e permanência do público. Afora uma substituição por falecimento, todos os papéis foram desempenhados pelos mesmos atores desde o primeiro filme. Não só o público, mas também os atores cresceram com as personagens. Os quatro principais atores jovens foram escolhidos por se parecerem com suas personagens. Diferentemente dos astros



que adentram seus papéis, na série Harry Potter, os astros nascem como se fossem a própria personagem.

Quando acompanhamos a relação do público com o filme por intermédio do astro, não só acompanhamos um conjunto de identificações com este, mas um conjunto de significados já decodificados na representação deste na tela (TURNER, 1997, p. 106).

Os atores já estavam assim, a imagem deles, quando a gente lê os livros, já tava parecendo com a dos atores, parecia que estava igualzinho nos livros (Vinícius, 17 anos).

Uma vez que o mundo mágico da série se tornou familiar para o espectador, ele necessitava se prender à história por novos elementos, ao que o aprofundamento e a diversificação dos temas também se prestam. Ainda assim, os filmes apresentam estrutura semelhante: Harry começa cada aventura no nosso mundo não bruxo, adentrando o universo mágico de forma diferente, com a apresentação de novos elementos desse mundo, o que renova a surpresa de um público já cativo. A descoberta é um dos pontos fortes do prazer nos filmes fantásticos. Dentre as entrevista um exemplo dessa satisfação foge ao padrão de preferência pelos últimos filmes, pois destaca esse deslumbre.

Acho que meu preferido é A Pedra Filosofal. Por conta da inocência deles, eles mais novinhos e tudo mais, descobrindo aquilo tudo novo. Acho bacana. Depois vai ficando muito previsível. Gosto do começo, ele descobrindo tudo sabe? (Murillo, 23 anos).

A série Harry Potter, contada em oito filmes, é exemplo do sucesso das histórias seriadas. Segundo Eco (1991), na tradição das histórias fragmentadas, cada episódio é uma “repetição” do outro e da história de toda a saga. Cada um, porém, traz em si novas aventuras, um novo fato dentro da estrutura semelhante para que a união da novidade com o familiar, o reconhecível e o previsível provoquem a satisfação do espectador. “A série consola o leitor porque premia a sua capacidade de prever; ele fica feliz porque se descobre capaz de adivinhar o que acontecerá, e porque saboreia o retorno ao esperado” (ECO, 1991, p. 123). No caso Harry Potter, o fim de cada aventura adia o ataque de Voldemort a Harry criando e mantendo as expectativas do público.

Quanto à seriação narrativa, puderam-se perceber duas: de um lado, todos entrevistados assistiriam a novas aventuras de Harry Potter, caso fossem produzidas; por outro, um reflexo negativo dessa fragmentação é a frustração que muitos demonstram com o fim da série. “Não gostei do final, porque foi o que eu esperava, não teve nenhuma surpresa” (Guilherme, 20 anos). Há também desgosto pelo



fim da série em si, em que o público se vê “órfão” da história. “A gente nunca espera o final né? Eu achei que poderia ter sido um pouco mais emocionante. Eu gostei, mas sei lá! A sensação de que terminou depois de muitos anos é ruim” (Jair, 22 anos).

Gostei, mas foi muito óbvio o final. Eu achei muito na cara. Desde o primeiro filme que eu sabia que o Harry Potter ia vencer né, então não foi aquela coisa marcante. Poderia ter acontecido alguma coisa na trama, ou alguém morrer sabe? Alguma coisa assim, mas foi legal (Matheus L., 18 anos).

Harry Potter é um fenômeno multimídia, a obra ganhou diversos subprodutos e versões em outros suportes. O público de hoje necessita de outras formas de contato com seus produtos favoritos, ler o livro e ver o filme não é mais o suficiente. Principalmente entre a parcela mais jovem do público, há a necessidade de estar em contato com a obra todo o tempo. A gratificação cinematográfica é efêmera, seus efeitos psicológicos e sentimentais se dão basicamente no momento da projeção. Assim, a audiência recorre a tudo que a indústria cultural lhes oferece para reaproximar-se daquele conjunto icônico e simbólico, na espera ansiosa pelo próximo capítulo da saga.

Nesse ponto, os fãs confundem atores com personagens, fazem da autora uma estrela, unem-se em fã-clubes, escrevem *fan-fictions* e promovem encontros de “pottermaníacos”. Assistem aos filmes inúmeras vezes, consumando o que Turner (1997) caracteriza como o “status ritual” do cinema, comparecem a sessões especiais de pré-estreia, caracterizados, empunhando varinhas e vassouras. Os exibidores também buscam atrair esse público. Em Goiânia, os Cinemas Lumière do shopping Bougainville realizaram um grande evento para os fãs na estreia do último filme.

Os Cinemas Lumière, em parceria com os fã-clubes Potterish e Oclumência, estão preparando “O Último Embarque”, uma programação repleta de debates, brincadeiras, concursos e premiações que culminarão com a exibição do tão esperado filme. Além disso, o espaço do Lumière Bougainville será decorado especialmente para a data. (Blog Cinemas Lumière – 07 de julho de 2011).

Só não vi no cinema o primeiro e o quinto [...] O quarto eu assisti três vezes no cinema com meus amigos. [...] O sexto foi na pré-estreia, no meu aniversário, aí eu fui, aproveitei e comemorei já no cinema. E o sétimo, parte dois, foi no meu aniversário também. Aí já foi tipo uma comemoração. A partir do sexto, foram todos pré-estreia (Marina, 18 anos).

Buscou-se reconhecer as identificações dos entrevistados com as personagens da série perguntando-lhes quais eram as suas favoritas. Dentre as muitas personagens dos filmes, de forma geral, o que se verificou foi a prevalência de quatro



delas na fala da amostra: o trio protagonista formado por Harry Potter e seus amigos Rony Weasley e Hermione Granger, e o professor de Poções da escola de Hogwarts, Severo Snape.

Harry Potter é um típico herói de aventuras. Lançado em sua jornada sem chance de escolha, ele catalisa os valores da coragem e do altruísmo, permanece na busca de seus objetivos não importa o quão difíceis se apresentem e abdica do seu bem estar pelo bem comum. Sempre que seus valores são postos à prova, Harry reafirma seu caráter, lealdade, honra e dignidade. Identifica-se na personagem valores relacionados à autopromoção, a noções de realização e poder, além de um senso de universalismo. Através de Harry, o espectador, descompromissado, sem riscos reais, pode viver a experiência de ter de decidir morrer para cumprir seus objetivos. Esses valores podem ser a razão da admiração e preferência do público pelo herói em questão.

O Harry Potter, eu acho que porque desde criança ele foi escolhido pra fazer algo, e ele escolheu fazer isso que ele teria que fazer. Então isso me chamou mais atenção, ele quer alcançar um objetivo na vida dele (Matheus L., 18 anos).

Acho que o Harry Potter mesmo, eu acho que ele sai do senso comum dos outros personagens que a gente lida e tudo mais, é mais vivo assim, é mais real (Ewerton, 23 anos).

Hermione Granger, nascida não bruxa, possui uma curiosidade e sede de conhecimento que a fazem pesquisar e ler tudo sobre o mundo mágico. Aluna aplicada, frequentadora assídua da biblioteca, é inteligente e talentosa, de fundamental importância na solução dos mistérios e em salvar a pele dela e dos amigos. Madura, mas sentimental, se apaixona por Rony com quem tem um relacionamento instável e melindroso. Mostra-se leal e fiel a Harry de quem está sempre ao lado repreendendo e aconselhando. A inteligência e a atitude são suas características que mais aproximam o público. Ela é tomada como exemplo, principalmente no caso de entrevistadas mulheres. “Da Hermione eu gosto por causa da esperteza dela, da rapidez com que ela liga as coisas” (Laura, 20 anos).

Eu gosto também da Hermione, porque eu acho ela mais esperta. Porque ela que acha solução pra tudo, mais do que o Harry, eu não gosto tanto do Harry, prefiro a Hermione (Felícia, 20 anos).

A Hermione. Por ela ser muito autêntica, eu acho que por ela querer algo assim, ela fica buscando as coisas, acho interessante, gosto muito dela (Matheus L., 18 anos).



Rony Weasley é o sexto filho homem de uma família bruxa sem posses. Perdido entre tantos irmãos tem problemas de autoestima, o que afeta por vezes sua amizade com Harry, por quem é ofuscado perante o restante da escola. Contraponto de Hermione, é relaxado e desorganizado quanto à vida e aos estudos. Em seu humor habitual é engraçado e divertido, servindo a Harry como fonte de relaxamento ante as preocupações. Nos filmes, Rony é retratado mais pela sua amizade e pela comicidade, justo os aspectos que mais o tornam reconhecível pela audiência. Notou-se que ele é tido por muitos como uma personagem típica, engraçada, atrapalhada, mas que se supera no final. “Eu gosto do Roney. Ah eu acho ele divertido, a inocência dele, a expressão, tudo” (Jair, 22 anos).

Gosto do Rony, porque ele é sonso assim, sabe, acaba sendo engraçado. Aí como o Harry é muito certinho, todo mundo fala “ah ele é o mais bonito, ele é o mais inteligente, ele é que sempre vence” e o Rony não, ele demora mais a cair a ficha, mas quando cai, ele faz de verdade (Laura, 20 anos).

O Rony é o bobão de tudo, sempre se dá mal e no fim se dá bem. Gosto dele porque ele é muito idiota, e o excluído e tudo mais. Acho bacana aquilo, acho que já passei... Eu me identifico com aquilo sabe? (Murillo, 23 anos).

Severo Snape é professor de Poções em Hogwarts. Desde os primeiros episódios da série Snape demonstra antipatia por Harry, o que se descobre referir aos seus tempos de aluno em que antagonizava o pai do garoto. De um desprezo perene, tem uma aura sombria e misteriosa que desperta a desconfiança dos alunos, frustrados pela inabalável confiança com que é considerado por Dumbledore, o diretor. Sua participação na trama é crescente, e se torna marcante nos três últimos filmes, em que seus segredos são essenciais para o destino de Harry. A dúvida sobre quem Snape realmente é, seu comportamento arredio, sua oscilação entre o certo e o errado, o bem e o mal, o antiético e o criminoso são os elementos que parecem aguçar o interesse do público. “Gosto do Snape porque ele é meio sombrio, ele é muito massa” (Ana Flávia, 16 anos).

O Snape, porque ele é todo doidão sabe, pensa que ele é do mal assim, na verdade ele é um espião, mó massa e tal. Ele é o personagem mais surpreendente da série (Gabriel, 17 anos).

Acho que é o Snape mesmo, eu o acho um personagem complexo, instigante sabe? Que a primeira vista parece ser bem simples de classificar e tirar opiniões, só que ele é não apenas o que parece (Guilherme, 20 anos).



Conclusão

O desafio deste trabalho foi relacionar as teorias discutidas sobre usos e gratificações e sobre o Cinema às entrevistas realizadas na elaboração de uma análise que apreendesse o espectador na dinâmica do processo de recepção cinematográfica. Graças à concepção de cinema proposta, como entretenimento, indústria e narrativa, essa interseção foi possível. Ao entrevistar tanto espectadores comuns quanto alguns fãs, puderam-se identificar os elementos mais comuns de gratificação dos filmes.

A análise mostrou que a ideia de usos e gratificações tem aplicação palpável à série Harry Potter. Percebeu-se que as principais gratificações do espectador se manifestam na identificação com as personagens; no prazer de vivenciar uma aventura num mundo mágico, distante da realidade; no acompanhamento de uma história ao longo de anos, com a qual se amadurece junto; e nas possibilidades de interação provocada por um fenômeno cultural. Quanto aos usos da série feitos pelo público notam-se a satisfação de necessidades de atualização e pertencimento; o suprimento de carências de experiências; a manutenção de expectativas; o escape e o entretenimento.

Com relação à temática, os filmes gratificam o público propiciando a vivência de aspirações mais abstratas, relacionadas a ideias de destino, realização de grandes feitos, autoconhecimento, caráter e também sobre a morte. Especificamente, o universo mágico se presta para o receptor à confrontação de mundos, à ponderação da ética social, ao resgate de valores tradicionais de comunidade, honra, e humanidade.

Para Mascarello (2005), praticamente não há interesse pela recepção na pesquisa em cinema no Brasil, pelo que não havia modelos a seguir neste trabalho. Os estudos de Cinema historicamente priorizaram a estética, a linguagem e a técnica, sem considerações sobre a audiência e o Cinema enquanto meio de comunicação social. Assim, ao elaborar um estudo de recepção cinematográfica, há uma vasta teoria sobre o cinema e os filmes que não deve ser ignorada, mas utilizada juntamente com o embasamento teórico do estudo, o que se mostrou frutífero na realização deste trabalho.

O objetivo de explorar a relação do espectador com os filmes provavelmente foi alcançado, não se esgotando a análise do que um filme, por exemplo, Harry Potter, representa para um espectador em particular ou para um grupo o máximo homogêneo alcançável, mas foi possível perceber um âmbito geral em que o universo de todos os filmes assistidos pelo espectador constitui a sua ideia de cinema, o que representam e que utilidade tem os filmes.



REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas: Papirus, 2002.

AUMONT, Jacques. et al. **A Estética do Filme**. Campinas: Papirus, 2005.

CINEMAS LUMIÈRE (blog.). **O duelo final já tem endereço marcado: Lumière Bougainville**. Atualizado em 07 jul. 2011. Disponível em < <http://www.cinemaslumiere.com.br/blog/o-duelo-final-ja-tem-endereco-marcado-lumiere-bougainville> >. Acesso em 15 out. 2011.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras, 1997.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

ECO, Umberto: **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.

MASCARELLO, Fernando. **Procura-se a Audiência Cinematográfica Brasileira desesperadamente, ou Como e Por Que os Estudos Brasileiros de Cinema Seguem Textualistas**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 05 a 09 set. 2005.

MAUERHOFER, Hugo. A Psicologia da Experiência Cinematográfica. 1949. In: XAVIER, Ismail (org.). **A Experiência do Cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

MCQUAIL, Denis. **Teoria da Comunicação de Massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MORIN, Edgar. A Alma do Cinema. 1958. In: XAVIER, Ismail (org.). **A Experiência do Cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

PORTO, Mauro. **A Pesquisa sobre a Recepção e os Efeitos da Mídia**: propondo um enfoque integrado. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte, 02 a 06 set. 2003.

RUÓTOLO, Antônio Carlos. **Entrevista Qualitativa**: A técnica esquecida. Informativo SBPM, 1996.

SMITH, Murray. Espectatorialidade cinematográfica e a instituição da ficção. 1995. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria Contemporânea de Cinema**: pós-estruturalismo e filosofia analítica. São Paulo: SENAC, 2005.

STAM, Robert. **Introdução à Teoria do Cinema**. Campinas: Papirus, 2010.

TURNER, Graeme. **Cinema como Prática Social**. São Paulo: Summus, 1997.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

YATES, David. **David Yates, diretor de ‘Harry Potter’ mira filme ‘enxuto’ com o fim da saga**. Portal G1 – Entrevista da Agência Reuters. Atualizado em 13 jul. 2011. Disponível em < <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/07/entrevista-yates-diretor-de-harry-potter-mira-filme-enxuto> >. Acesso em 01 nov. 2011.